



Os *reality shows* como *rituais de sofrimento* e formas de reprodução do modo de produção social vigente

The reality shows as *rituals of suffering* and ways of reproducing the current social mode of production

RODRIGUES, S.V. 2013. *Rituais de sofrimento*. São Paulo, Boitempo, 191 p.

Mateus Pranzetti Paul Gruda¹
mateusbeatle@yahoo.com.br

Há cerca de uma década o início do ano televisivo brasileiro, e consequentemente do cotidiano, se pensarmos o quanto que a programação da televisão molda e influencia decisivamente a vida de um modo geral (Pereira Júnior, 2002; Conselho Federal de Psicologia, 2009), é marcado pela exibição do *reality show* de maior audiência em terras brasileiras: o *Big Brother Brasil* (BBB). Como um produto significativo da chamada indústria cultural, tal tipo de programa desperta a curiosidade e intriga a academia, a qual o tem tomado como um objeto privilegiado para se estudar as relações e representações sociais e subjetivas da e na contemporaneidade. Em "Rituais de sofrimento", livro que é fruto de tese de doutorado de mesmo nome defendida pela socióloga Sílvia Viana Rodrigues na Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP em 2011, lançado pela Boitempo no início do ano de 2013, temos um estudo interessante e instigante acerca de como estão organizadas e estruturadas as relações de trabalho no mundo contemporâneo, se valendo dos mais diversos *reality shows* existentes, especial e principalmente do citado BBB, como *corpus* para a sua pesquisa e consequentes reflexões. A principal ideia é de que os espetáculos de realidade se engendram e exercem atração no público por se tratar da concorrência e do modo de (re)produção social vigente e não por um *voyeurismo* exacerbado e incontrolável.

Um dos grandes méritos da autora da obra é conseguir costurar com muita destreza uma "quase narrativa" (o que os rígidos e tradicionais padrões acadêmicos comumente costumam rechaçar), onde o texto flui e facilmente cativa o seu leitor. Os fartos exemplos pessoais e/ou supostamente triviais e cotidianos, a erudição ao fazer conexões com obras literárias e, ao mesmo tempo, com filmes hollywoodianos e outras referências da cultura *pop* constroem essa "quase narrativa" e, também, fazem com que "Rituais de sofrimento" se aproxime muito da forma de escrita e de reflexão utilizada usualmente pelo filósofo esloveno Slavoj Žižek em seus muitos artigos, livros e textos diversos –, influência que se faz notar, inclusive, pelo número de obras de Žižek arroladas na lista de referências de "Rituais de sofrimento".

Adentrando-nos no texto propriamente dito de Rodrigues, nossa atenção já é capturada pela abertura do escrito, na qual nos é narrado um episódio transcorrido no programa *Pânico na TV*, em que integrantes da equipe técnica do programa foram

¹ Doutorando em Psicologia/UNESP – Assis. Bolsista da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP). Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Faculdade de Ciências e Letras de Assis, Av. Dom Antonio, 2100, Parque Universitário, 19806-000, Assis, SP, Brasil.

vítimas de uma "brincadeira" por parte dos produtores da atração. Resumidamente, os técnicos regressavam da África do Sul, onde trabalharam praticamente sem descanso por cerca de um mês na cobertura da Copa do Mundo de 2010, sendo recepcionados pela produção do *Pânico*, que supostamente lhes daria uma carona até as residências de cada um. Entretanto, após rodarem horas pela cidade de São Paulo, os técnicos foram levados novamente para o aeroporto e depois disto deveriam ir a um dos estúdios da emissora para enfrentarem outros percalços; concomitantemente a isto, um dos "humoristas" do programa tentava conduzir a "piada" e animar a todos. Mesmo com uma das vítimas protestando, o produtor disse que havia ordens por parte dos diretores e, assim sendo, todos deveriam entrar no carro novamente e continuar a "brincadeira". Frente a tal situação metonímica que sintetiza, ainda que de modo informal, o livro como um todo, Silvia indaga: Como essa coisa pôde ser televisionada sem a menor vergonha? O que sustenta a ameaça dos diretores? Por que a equipe voltou para o carro? Como o humorista suportou "ver os amigos de trabalho se fodendo"? Por que a piada continuou? Questões que permeiam as reflexões realizadas ao longo da obra toda.

O texto é dividido em cinco partes: "Show de horror", "Das regras", "Dos jogadores", "Das provas" e "Pede pra sair". Na primeira delas, a autora nos apresenta o cenário do espetáculo do ponto de vista dos que organizam os *reality shows*, as motivações dos participantes e o pacto que há entre estes e os telespectadores que se deleitam com o sofrimento alheio televisionado. A primeira frase-ideia de impacto é lida logo nas primeiras páginas, quando Silvia faz um *link* entre o BBB e série de filmes *Jogos mortais*: "Ambos alcançaram as graças do público nessa primeira década de século e ambos são mais que sintomáticos do mundo que os vomitou" (Rodrigues, 2013, p. 10). A aproximação é pertinente, pois tanto na produção cinematográfica, quanto no espetáculo de realidade televisivo, o intento geral é observar as reações das cobaias humanas e o sofrimento pelos quais estas (cobaias humanas) passam e que lhes é imposto pelas provas-tortura que visam forjar fortes e sobreviventes. Com a ressalva de que, se os participantes falharem em qualquer uma das provas-tortura, a culpa pela aniquilação é inteiramente destes, embora o público dê a sua enorme contribuição ao puxar o gatilho mortal para aqueles que estão perfilados no chamado "Paredão" (a autora dedica longos trechos para destrinchar o uso e significações do termo), vibrando com os "vencedores negativos" (os eliminados dos *reality shows* e os mortos pelo vilão de *Jogos mortais*). E, nesta ânsia por "sangue", a plateia-pelotão-de-fuzilamento nem se dá conta do "[...] rastro do dinheiro, trabalho e tempo oferecidos ao show de horror" (Rodrigues, 2013, p. 15). Por parte dos participantes-cobaias, seu trabalho é completamente mal remunerado, afinal têm uma jornada de 24 horas diárias e somente um é pago de fato através do grande prêmio (conquanto para as "gostosas" haja a possibilidade posterior de receberem os tão vultosos cachês pagos para posarem nuas em revistas masculinas).

No segundo capítulo, "Das regras", Silvia Rodrigues pontua que a lei primordial dos *reality shows* é a eliminação, conectando-a com ideias fortalecidas pela ideologia neoliberal: a

falta de empregabilidade e a exclusão. Adiante, descreve que o formato *reality* é ideal para as emissoras de TV, pois os programas podem ser cortados, estendidos, ter regras e andamento alterados. Outro exemplo é que o trabalho criativo para conduzir o desenrolar da atração é exercido sobremaneira pelo público telespectador, o que dispensa a contratação de um número elevado de pessoas responsáveis pelos roteiros. Além disso, os *realities* são o reino da arbitrariedade, uma vez que as regras podem ser alteradas, até mesmo durante a realização das tarefas/provas. Na parte "Dos jogadores", a autora descreve a meritocracia sem mérito que leva os participantes a serem eleitos e depostos rapidamente. Embora, aparentemente, não haja qualquer tipo de critérios de seleção, aquele que se submete a participar de um *reality show* deve estar ciente de que sua missão é ser o *melhor, o mais adaptado*, aquele que *supera* todas as circunstâncias com as quais vier a se deparar (lembrem-se da frase: "Sou brasileiro e não desisto nunca"?). Tal como o trabalhador na atualidade, que deve se agarrar ao emprego com "unhas e dentes", fazendo tudo que for possível para se manter empregado.

Em "Das provas", a autora se atém às relações cruéis e desumanizadas que os participantes cultivam entre si, afinal, quando um deles ganha alguma coisa, isto se deve não somente ao fato do outro ter perdido, mas também à custa de punições que serão infligidas aos perdedores. Por um lado, o sadismo fartamente presente nos *reality shows* é fruto da institucionalização do mal como "sistema de gestão" em nossas estruturas sociais e, por outro, o sofrimento que é infligido aos participantes é atenuado, pois, majoritariamente, a dor é consequência de tarefas a serem cumpridas, as quais, ao serem convertidas em "trabalho", mesmo que degradantes ou repugnantes, tornam-se aceitáveis. No capítulo "Pede pra sair", são retomadas ideias de como há uma docilidade imensa por parte dos participantes dos *reality shows* (bem como da sociedade como um todo) frente à violência que o modo de (re)produção social nos impõe e de como necessitamos acreditar nesta brutalidade e na escassez (embora o sistema vigente gere excessos sobre excessos) para fingirmos não viver no "deserto do real" (Žižek, 2003) forjado pelo sistema capitalista.

Por fim, é pouco crível não se deixar afetar pelas reflexões propostas por Silvia Viana Rodrigues. Este estudo nos escancara os lastros cínicos, cruéis, bárbaros e violentos em que está sustentada a nossa sociedade capitalista contemporânea, indicando-nos que basta ligarmos a televisão e prestarmos atenção nos "shows da vida real" para notarmos tudo isto.

Referências

- CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA. 2009. *Mídia e psicologia: a produção de subjetividade e coletividade*. Brasília, Conselho Federal de Psicologia, 392 p.
- PEREIRA JÚNIOR, L.C. 2002. *A vida com a TV: o poder da televisão no cotidiano*. São Paulo, Editora Senac, 280 p.
- ŽIŽEK, S. 2003. *Bem-vindo ao deserto do real!: cinco ensaios sobre o 11 de setembro e datas relacionadas*. São Paulo, Boitempo, 191 p.